



DEFENSORIA PÚBLICA
DO ESTADO DO CEARÁ

E EU,
SOU O
QUÊ?



um pequeno guia sobre (a sua) raça

Pra começo de conversa

Oi. **Tudo bem?** Meu nome é **Dayo**. Assim como você, eu faço parte da Defensoria Pública do Ceará. Estou aqui para falar sobre um assunto muito importante, que pode nos ajudar tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional: a questão racial e como ela impacta nossas relações e atendimentos.

Esse livrinho foi elaborado para ajudar você a:

- 1 identificar a qual raça/cor **você** pertence;
- 2 reconhecer as características raciais de **outras pessoas**;
- 3 **saber como se referir a elas**, seja em atendimentos ou no dia a dia;
- 4 entender o que fazer com essas informações.



CURIOSIDADE

Dayo é um nome com origem na língua iorubá e significa "a alegria chegou". É muito comum na Etiópia, país africano onde a ciência aponta que há o registro do primeiro ser humano da história.

VAMOS LÁ?
VEM QUE EU TE EXPLICO!

Pensando alto...

Com questões raciais aparecendo cada vez mais na Internet, na televisão e na nossa vida, você já pode ter se perguntado:



Muita gente tem dúvidas como essas. Afinal, ainda hoje famílias não conversam sobre o assunto. Por ignorância, medo, vergonha, desinteresse ou qualquer outro motivo, a questão racial é “varrida para debaixo do tapete”.

Essa falta de diálogo em casa gera uma confusão enorme nas nossas relações, pois as pessoas não sabem o que são, ou se confundem, e não têm ideia de como falar com o outro. Além disso, muita mentira circula nas redes sociais.

Como veremos nas próximas páginas, este é um termo que não se usa mais. Utilizamos de forma proposital aqui apenas para mostrar como no dia a dia ainda falamos de forma equivocada. O correto é indígena.

E EU, SOU O QUÊ?

História

A desinformação sobre raça/cor tem raízes profundas na história brasileira. Os quase **quatro séculos da escravidão de pessoas negras e indígenas por brancos europeus** são prova disso. Nesse período, desafiar essa lógica significava colocar a própria vida em risco.

No Estado Novo (1937-1945), se falava que nosso país era branco e europeu, em uma total negação à importância das populações negra e indígena. Já na ditadura militar (1964-1985), dizer que determinada raça/cor vivia em melhores condições do que outras (ou seja: que existia racismo) era razão para perseguição ou mesmo morte.



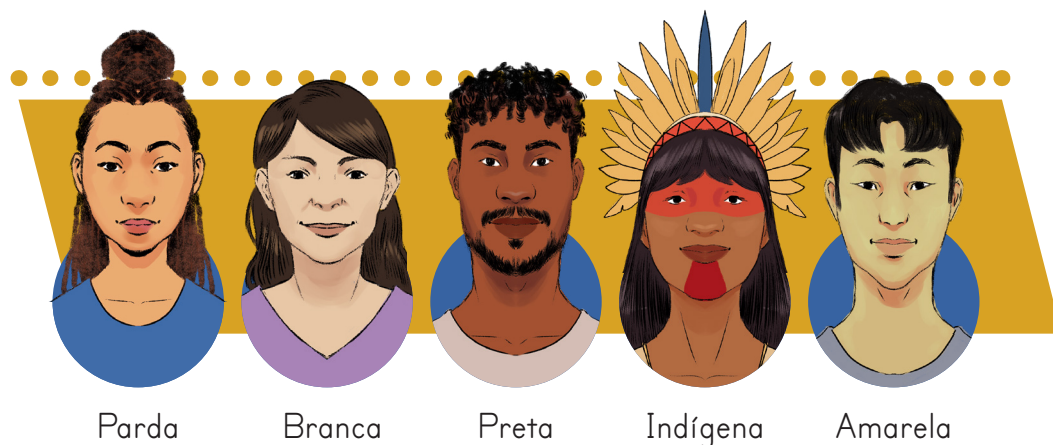
Crédito: site Memórias da Ditadura

Graças ao Movimento Negro e à resistência dos povos indígenas, muito avançou. E reivindicações feitas há décadas começaram a virar realidade. Uma delas é a política da autodeclaração racial, que permite que cada pessoa informe ao Estado e à sociedade sua raça/cor.

UM PEQUENO GUIA SOBRE (A SUA) RAÇA

As cinco raças/cores

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a nossa população em **cinco “raças/cores”**:



Nós, que trabalhamos com atendimento ao público, devemos conhecer todas elas. Assim, não corremos o risco de fazer comentários racistas. Afinal, **racismo é crime no nosso país (Lei nº 7.716/1989)**.

Além disso, respeitar todas as raças/cores faz parte do nosso compromisso com os direitos humanos.

Características

Para ajudar você no seu próprio reconhecimento e na identificação dos outros, eu separei alguns exemplos e dados importantes para as diferenças ficarem mais fáceis de perceber. Veja:



Eu, por exemplo, sou preto. Tenho a pele escura, os cabelos crespos, meu nariz é largo e meus lábios são grossos.



A atual defensora geral do Ceará, Sâmia Farias, é uma mulher branca. Tem a pele clara, os cabelos lisos, e o nariz e os lábios finos.



O senhor Tanaka, nosso saudoso amigo que trabalhou na TI da Defensoria por quase 20 anos e foi homenageado dando vida a um assistente virtual, encaixava-se na classificação “amarelo”. Como o próprio nome sugere, ele era de origem oriental (Japão, China, Coreias, Mongólia etc). Tinha os olhos puxados e os cabelos bem lisos.



A ministra Sônia Guajajara é uma mulher indígena. Hoje, por lei, somente são consideradas indígenas aquelas pessoas que se declaram assim e são reconhecidas (em documento formal) pelo povo do qual dizem fazer parte. E isso não tem nada a ver com qualquer característica física da pessoa ou com as roupas e adereços que ela utilize no dia a dia.



Já a ministra Edilene Lôbo, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é uma mulher parda. Ou seja: é uma pessoa que não tem a pele escura demais para ser considerada preta nem clara demais para ser branca. E apresenta, como toda pessoa parda pode apresentar, outras aparências do povo negro (como o nariz largo e os lábios mais grossos).

Negros e números

Agora que apresentei a você as principais características das cinco “raças/cores” oficiais do Brasil, preciso fazer um alerta:

**PRETOS + PARDOS =
POPULAÇÃO NEGRA**

É isso mesmo. A população negra do nosso país é a soma das pessoas que se declaram pretas e pardas. Isso significa que:

**QUANDO VOCÊ DIZ QUE É PARDO(A),
VOCÊ SE DECLARA NEGRO(A).
OU SEJA: VOCÊ DIZ QUE SOFRE RACISMO.**

Essas duas “raças/cores” (preto e pardo) são inicialmente separadas por terem definições diferentes (em especial no tom da pele, que em pessoas pretas é sempre escuro e em pessoas pardas é mais claro).

Porém, são somadas porque pesquisas comprovam que são as que mais sofrem com a desigualdade social dos tempos da escravidão até hoje.

Considerando as cinco “raças/cores”, temos, segundo o Censo 2022 do IBGE:

PARDOS: 45,3% da população

ou 92,1 milhões de pessoas

BRANCOS: 43,5% da população

ou 88,2 milhões de pessoas

PRETOS:

10,2% da população

ou 20,6 milhões de pessoas

INDÍGENAS:

0,8% da população

ou 1,7 milhões de pessoas

AMARELOS:

0,4% da população

ou 850,1 mil pessoas

Somando pretos e pardos, temos:

55,5%

**DA POPULAÇÃO
(OU 112,7 MILHÕES
DE PESSOAS)
É NEGRA**

E EU, SOU O QUÊ?

Também de acordo com o IBGE:

71%

**DA POPULAÇÃO
DO CEARÁ É
NEGRA**

63%

**DA POPULAÇÃO
DE FORTALEZA
É NEGRA**

A população negra representa mais da metade dos brasileiros (55,5%). E o cenário é esse apesar do grande esforço feito aqui para apagar a importância do povo negro para o estado – que tanto se orgulha de ter sido o primeiro a abolir a escravidão no Brasil (em 1884, quatro anos antes do restante do país).

Afinal, quem nunca ouviu a máxima “no Ceará não tem negro”?

UM PEQUENO GUIA SOBRE (A SUA) RAÇA

Pirâmide

Saber desses dados é importante porque nós, que trabalhamos na Defensoria Pública, atendemos exatamente essas pessoas. Todos os dias, são elas que precisam de um defensor ou defensora para garantir a pensão das crianças, o remédio do pai, as fraldas da avó, a vaga do filho autista na escola e tantos outros direitos básicos.

E quem diz isso não sou eu não, viu? É o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Escola Superior da Defensoria Pública, que fez um levantamento e descobriu o seguinte:

70% das pessoas que nós recebemos todos os dias nas nossas sedes são mulheres negras.

Ou seja: a questão racial é importantíssima para nós. E se torna ainda mais quando olhamos para o modo como o Brasil é formado.

Eu explico melhor: na base da nossa sociedade, onde ficam as pessoas mais afetadas pelas desigualdades (pobreza, fome, desemprego etc), estão as mulheres negras. Os homens negros aparecem em seguida. Depois, as mulheres brancas. E, por último, os homens brancos.

Desenhando, fica assim:



Atender mulheres negras na Defensoria significa acolher quem mais sofre com as desigualdades. Esse atendimento precisa ser feito com respeito e empatia, garantindo que essas mulheres se sintam representadas e tenham esperança em uma vida melhor.

Moreno e índio: não use

Agora que você conhece as cinco “raças/cores” oficiais do Brasil, percebeu que “moreno” não aparece na lista. Pois é. Apesar de muito popular, “moreno” **NÃO** é raça/cor. O IBGE **não reconhece** essa classificação.

Na verdade, o “moreno” quase sempre foi – como ainda é – utilizado para “suavizar” o fato de a pessoa ter características negras. Porque ser negro, no decorrer da história, sempre foi considerado ruim, associado ao feio, à pobreza, à criminalidade etc.



“MORENO”, PORTANTO, DEVE SER EVITADO, POIS É RACISTA.

Da mesma forma, não devemos falar “índio”. Esse termo é genérico e ignora as diferenças entre os povos indígenas, como línguas, culturas e o tempo de relação com a sociedade não indígena. O termo adequado para se referir a esses povos é “indígena”, que significa: “originário; aquele que está ali antes dos outros”. Isso valoriza a diversidade de cada povo.



“ÍNDIO”, PORTANTO, DEVE SER EVITADO, POIS É RACISTA.

Como devo me referir a pessoas negras?

Você deve estar se pensando: “Dayo, você já explicou que o certo é “indígena”. Ok. Mas e como devo fazer em relação ao “moreno”? Eu chamo a pessoa de quê? De preta? De negra? Chamar assim não é racismo também?”.

Eu respondo: quando você vai falar com uma pessoa branca, chama essa pessoa como? Pelo nome, correto? Faça o mesmo com pessoas negras, indígenas e amarelas!

Pergunte o nome da pessoa e chame essa pessoa pelo nome.

Se é muito necessário saber a raça/cor dela, olhe diretamente e pergunte, em tom sério e sem constrangimentos: “qual a cor ou raça/cor da senhora (ou do senhor)?”. É muito mais simples e evita qualquer saia-justa (e processos por racismos também).

Cada país tem o seu

É válido dizer que **NÃO** existe um sistema de classificação racial de pessoas único para todo o mundo. Isso significa que **cada país tem o seu próprio método de identificar a população**. E que uma pessoa considerada negra em um lugar pode ser vista como uma pessoa branca no Brasil ou em outra parte do planeta.



É o caso da cantora Mariah Carey. Lá, nos Estados Unidos, ela é tida como negra. Aqui, devido ao tom da pele ser muito claro, é vista como uma mulher branca.



Da mesma forma, Ivete Sangalo, que aqui é uma mulher branca da Bahia, é tida como “latina” no sistema de classificação racial dos Estados Unidos.



Já alguns pardos brasileiros também seriam o que os norte-americanos chamam de PoC (People of Color, que em inglês significa “pessoas de cor”).

Drag Queen Kandy Muse

Por que isso acontece, Dayo?

Porque lá nos Estados Unidos a questão racial tem ligação direta com ascendência/descendência. Ou seja: se você tem a pele muito clara mas seu pai é negro ou sua mãe é negra, você é considerado pertencente à comunidade negra. No Brasil, isso não acontece.

Aqui, o que define se você é ou não negro é a sua aparência. Então, se você tem uma ou mais dessas características:



- Pele um pouco mais escura ou muito mais escura
- Cabelo crespo
- Lábios grossos
- Nariz mais redondo/achatado
- Olhos amendoados...

...VOCÊ É PRETO(A) OU PARDO(A)! OU SEJA:
NEGRO(A).

Estudiosos afirmam que ser negro no Brasil está ligado à experiência de sofrer racismo. Se você é negro, não há escapatória: ou já sofreu ou vai sofrer preconceito racial em algum momento da vida.

Se você nunca sofreu racismo, isso pode ter duas explicações:

- A sociedade não reconhece você como uma pessoa negra;
- As suas características negras são pouco visíveis, o que permite que você passe despercebido.

E isso (sofrer racismo) acontece porque raça/cor é algo que não depende só do modo como a gente se afirma. Depende também da maneira como as outras pessoas nos veem. Por exemplo:



- se a **Taís Araújo**, uma mulher preta, disser que “a partir de agora, não sofro mais racismo”, a pele dela não vai se tornar branca em um passe de mágica. Ela vai continuar sendo vista como uma mulher preta e ela vai continuar sofrendo racismo;



- se a **Fernanda Torres**, uma mulher branca, acordar amanhã e disser que “agora eu sou preta”, ela vai sair na rua e vai continuar **NÃO** sofrendo racismo, porque a sociedade vai continuar enxergando a mulher que ela é: **BRANCA**. E a razão disso está principalmente no fato de a pele dela ser muito clara.

Desvendando as raças/cores

Por isso, é fundamental você entender o seguinte: raça/cor NÃO é uma questão biológica.

COMO ASSIM, DAYO?

Calma. Vamos à explicação.

Pesquisas científicas mostram que todas as pessoas, independentemente da cor da pele, compartilham 99,9% do mesmo DNA (molécula responsável pelo desenvolvimento e funcionamento do nosso corpo).

Ou seja: **NÃO** há justificativa para tratar as pessoas de forma diferente por causa da cor da pele ou de outras características físicas. Logo, o que podemos concluir é:

A ideia de “raças humanas” surgiu para justificar desigualdades de poder, dominação e exploração econômica.

Exemplo: a escravização de pessoas negras tinha como “justificativa” a raça/cor, pois os brancos se consideravam superiores aos povos africanos. Porém, os europeus só invadiram e saquearam África porque queriam ter mais terras para explorar e mais locais para vender mercadorias. O tráfico humano, então, se mostrou um negócio que rendia muito dinheiro.

Quando falamos em raças/cores, no plural, devemos ter sempre em mente que:

- Não se trata de biologia.
- É uma questão de PODER.
- De quem tem mais direitos na prática e quem ainda luta para ter os direitos respeitados.

Perguntas & respostas



DAYO, “NEGRO” E “PRETO” SÃO A MESMA COISA?

Não. Lá no começo desta cartilha, eu disse que a classificação do IBGE era por “raça/cor”, lembra? Então, fiquemos entendidos assim: **preto é cor de pele e negro é raça.**

Então, quando você quiser se referir à raça de alguém, deve usar “negro” ou “negra”. Antes, no entanto, confirme com a pessoa se ela se identifica desta forma, porque há indígenas de pele mais escura que se identificam como indígenas – e não como negros(as).



É VERDADE QUE PESSOAS ALBINAS SÃO NEGRAS?

Não necessariamente. Apesar de a maioria dos casos de albinismo acontecer entre negros, a sociedade pode enxergá-las como pertencentes à raça/cor branca (já que a baixíssima ou total falta de produção de melanina deixa a pele extremamente clara).

Essas pessoas podem se declarar negras, já que muitas têm outras características negras (lábios grossos, cabelos crespos e nariz arredondado/achatado).



E OS QUILOMBOLAS, DAYO, SÃO O QUÊ?

Quilombola não é raça/cor. É uma etnia. Quilombolas são pessoas, geralmente negras, que vivem em comunidades formadas em locais onde existiram quilombos – espaços de resistência de escravizados(as).

Segundo o IBGE, o Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas. No Ceará, são quase 24 mil pessoas desta etnia que vivem em quase 90 Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) existentes em todas as regiões do estado.



TEM PROBLEMA FALAR “AFRODESCENDENTE”?

Não. O termo “afrodescendente” pode ser utilizado para se referir a pessoas negras, mas perdeu muita força nos últimos anos e hoje praticamente não é mais usado. Estudiosos sugerem o uso de “negro” e “negra”, em especial se for algo referente a cotas raciais ou outras políticas públicas.



EXISTE RACISMO DE NEGRO CONTRA BRANCO?

Não. O nome que se dá a isso é “racismo reverso”. E ele não existe. Quer saber o porquê? Eu explico. O racismo é um sistema de poder no qual uma raça/cor (a branca) se beneficia de todas as demais ao ocupar cargos de poder e influência.

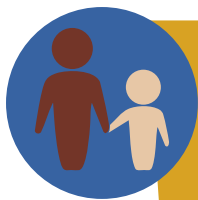
Como até hoje pessoas negras, indígenas e amarelas dificilmente estão em locais de poder no Brasil, não há como elas se beneficiarem de algo sobre pessoas brancas. O STF já tem decisão que nega a tese da existência do “racismo reverso”.



SE MINHA CERTIDÃO DE NASCIMENTO ESTÁ ESCRITO QUE EU SOU PARDO, ISSO SIGNIFICA QUE O GOVERNO JÁ ME DEU UMA RAÇA/COR E EU SOU OFICIALMENTE NEGRO?

Não. As informações da sua certidão de nascimento são consideradas autodeclarações. Não foi você quem as forneceu à pessoa que fez o registro, mas sim seus pais ou responsáveis (que, do ponto de vista legal, tinham o poder de te representar).

Já adulto, você pode até mudar o documento – mas, ainda assim, será uma autodeclaração. E, como sabemos, o racismo não depende só do modo como nós nos vemos (e sim da maneira de como as pessoas nos veem). Para entrar por cota em algum concurso, por exemplo, você terá de ser submetido a uma banca de heteroidentificação, que é formada por pessoas negras e brancas e decide se você tem ou não perfil para ocupar aquela vaga, reservada a pretos e pardos.



COMO MINHA MÃE É NEGRA, ISSO SIGNIFICA QUE EU TAMBÉM SOU?

Não necessariamente. O fato de ser filho de uma pessoa negra não faz de você automaticamente uma pessoa negra. Você só é uma pessoa negra se tiver as características físicas dessa raça/cor. Vamos lembrar quais são elas: pele escura (com diversos tons), cabelos crespos, olhos amendoados, nariz mais redondo/achatado e lábios grossos são as principais.

Além disso, é necessário que as pessoas identifiquem você como negro(a).

Resumindo: se seus pais (ou avós, tios etc) têm as características que listei acima e você não tem, então você **NÃO** é uma pessoa negra.

São exemplos de situações vividas por pessoa negra:

- ser perseguida por segurança de loja por representar “perigo” ao local;
- ser chamada de “neguinha”, com desprezo;
- ter o cabelo chamado de “pixaim”, “piaçava”, “bombril” etc.

E esses são apenas alguns exemplos de como a sociedade nos identifica através do racismo.



DAYO, O QUE EU DEVO FAZER QUANDO SOFRER RACISMO?

Chame a Polícia imediatamente.

Ligue 190. Ou, se estiver em Fortaleza, procure a Delegacia de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou Orientação Sexual (Decrim) para registrar um boletim de ocorrência. O endereço é: rua Valdetário Mota, nº 970, no bairro Papicu.

Além disso, junte o máximo de provas (vídeos, prints de conversas em aplicativos, postagens em redes sociais etc) e testemunhas, e acione a Justiça.

Racismo é crime e assim deve ser tratado.

Para dúvidas, orientações e assistência jurídica gratuita, procure a gente. Ligue 129 e fale com a Defensoria Pública do Ceará. É de graça.



AGORA QUE EU SEI A MINHA RAÇA, O QUE EU FAÇO?

Pratique o antirracismo. Por exemplo:

● Não diga que o cabelo do colega é ruim.

Por que: ao fazer isso, você reforça a ideia de que bom é ter cabelo liso (característica mais associada às pessoas brancas). E não é. A pessoa usa o cabelo que achar melhor, com o qual ela se sinta mais bonita e confortável. Não faça esse tipo de comentário.

● Não chame o outro de “negrinho(a)”, “índio” ou “japa”.

Por que: se você não chama o amigo branco de “branquinho”, não faz sentido usar a cor do amigo negro ou indígena ou amarelo para diferenciá-lo.

● Não compare uma pessoa negra/indígena/oriental a animais.

Por que: essas pessoas não são animais. Elas são pessoas. Não as compare a nada. Não tem graça nenhuma chamar alguém de macaco.

● Não pule carnaval “fantasiado” de “índio”.

Por que: a identidade racial de ninguém é para ser fantasia. Em nenhuma situação.

● Não pratique blackface.

Por que: a prática de pintar o rosto de preto para imitar a pele de uma pessoa negra é um ato racista.



É ISSO, PESSOAL. ATÉ A PRÓXIMA!

EXPEDIENTE

DEFENSORA PÚBLICA GERAL

Sâmia Costa Farias

SUBDEFENSOR

PÚBLICO GERAL

Leandro Sousa Bessa

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Samuel de
Araújo Marques

DIRETORA DA ESCOLA

Superior da Defensoria
Amélia Soares da Rocha

DIRETOR DA CENTRAL DAS DEFENSORIAS DA CAPITAL

Manfredo Rommel
Cândido Maciel

DIRETORA DA CENTRAL DAS DEFENSORIAS DO INTERIOR

Aline Pinho Romero
Vieira Paula

SUBDIRETORES DA CENTRAL DAS DEFENSORIAS DO

INTERIOR

Antônio Lopes Filho
Guilherme Queiroz
Maia Filho

ASSESSORA DE INOVAÇÃO

Ana Raísa Farias
Cambraia Alexandre

ASSESSORA DE

PLANEJAMENTO E

CONTROLE

Denise Sousa Castelo

ASSESSORA DE PROJETOS

Camila Vieira
Nunes Moura

ASSESSORA DE

RELACIONAMENTO E

ATENDIMENTO AO CIDADÃO

Yamara Alves Lavor
Viana

ASSESSORA DE

RELACIONAMENTO

INSTITUCIONAL

Lia Cordeiro Felismino

ASSESSORA DOS TRIBUNAIS

SUPERIORES

Mônica Maria
de Paula Barroso

ASSESSOR DE

DESENVOLVIMENTO

INSTITUCIONAL

Bruno Fiori
Palhano Melo

ASSESSOR DE

ESTÁGIO DE GRADUAÇÃO

E PÓS-GRADUAÇÃO

Bruno Gonçalves Neves

ASSESSOR JURÍDICO

Petrus Henrique
Gonçalves Freire

SUPERVISORA DO CENTRO

DE ESTUDOS JURÍDICOS

Lara Teles
Fernandes Falcão

SECRETÁRIA DE

COMUNICAÇÃO

Bianca da
Câmara Felippsen

Comitê de Promoção e Defesa da Igualdade Étnico-Racial da DPCE

Álice Vivianny Vieira

Bruno de Castro Brito

Camila Vieira

Daniela Melgaço

Eduarda Paz e Sousa

Francisco de Assis Carvalho Júnior

Jaerbeth Correia

Jorge Bheron Rocha

Joyce Ramos

Lara Teles Fernandes

Leandro Bessa - **Presidente**

Lia Felismino

Mayara Mendes

Mike Chagas

Raul de Sousa Neves

Rayssa Cristina Santiago

Taiane Ferreira Peixoto

Equipe da Secretaria de Comunicação (Secom) da Defensoria

Secretária de Comunicação
Bianca Felippsen

Jornalistas

Amanda Sobreira, Ana Paula Lopes,
Bruno de Castro, Déborah Duarte,
Giúllian Rodrigues, Juliana Bomfim e
Kamilla Vasconcelos.

Audiovisual

Ari Feitosa, Millin Albuquerque
e ZeRosa Filho.

Design gráfico e ilustração

Diogo Braga e Valdir Marte.

Estagiárias em Jornalismo

Jamille Bezerra, Samantha Kelly
e Tarsila Saunders.

Estagiário do programa Primeiro Passo
Ramon Gomes.

DA CARTILHA

Edição

Bianca Felippsen
(MTE 0569 JPCE)

Concepção, pesquisa e texto

Bruno de Castro
(MTE 2095 JPCE)

Projeto gráfico e ilustrações

Valdir Marte

Consultoria

Vera Regina Rodrigues da Silva

Fotos

Reprodução/Internet

Esta cartilha fez uso de ferramentas de inteligência ancestral, a partir dos ensinamentos das seguintes pessoas negras e indígenas: Abdias Nascimento, Adilson Moreira, Ailton Krenak, Alessandra Devulsky, Beatriz Nascimento, Cida Bento, Davi Kopenawa, Djamilia Ribeiro, Frantz Fanon, Guerreiro Ramos, Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Livia Vaz, Nego Bispo, Neusa Santos, Nilma Lino Gomes, Rodrigo Ednilson de Jesus, Silvio Almeida, Sueli Carneiro, Steve Biko e Ynaê Lopes dos Santos.



“Falar de raça é falar da dominação e escravização de um povo, do apagamento, silenciamento e retirada da sua humanidade. Falar sobre raça é falar sobre a desigualdade que estrutura nossa sociedade até hoje”.

Marielle Franco (1979-2018)

Socióloga, ativista e política brasileira



“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.

Ailton Krenak

Líder indígena, ambientalista e filósofo



“Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta”.

Sueli Carneiro

Filósofa, escritora e ativista antirracista



“Nós somos o começo, o meio e o fim. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia”.

Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo -1959-2023)

Quilombola, filósofo, ativista e escritor



DEFENSORIA PÚBLICA
DO ESTADO DO CEARÁ



DEFENSORIA
ANTIRRACISTA

ESSE MATERIAL FOI ELABORADO EM

...
LINGUAGEM
SIMPLES